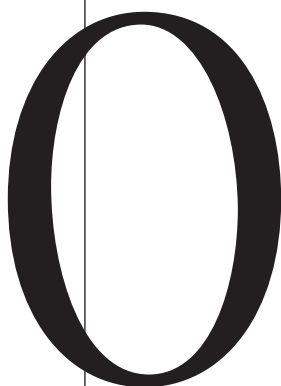


# A sociologia na modernidade radical:

## quem tem medo da incerteza?

**FLÁVIA SCHILLING**  
é doutora em Sociologia  
pela FFLCH-USP.

*Em Defesa da Sociologia. Ensaios, Interpretações e Tréplicas*, de Anthony Giddens, São Paulo, Unesp, 2001.

A large, bold, black letter 'O' is positioned on the left side of the page, partially overlapping a vertical rectangular box. The 'O' is stylized with a thick stroke and a slight shadow effect.

FLÁVIA SCHILLING

novos livros de Anthony Giddens, um dos mais renomados sociólogos contemporâneos, é formado por textos sobre a sociedade pós-tradicional, o funcionalismo, o positivismo, a teoria da ação comunicativa e outros temas publicados sob a forma de artigos entre 1979 e 1995. Dedicou uma especial atenção aos dilemas enfrentados na atualidade pelas ciências sociais.

O conjunto dos textos retoma, a partir de diferentes temas e perspectivas, a discussão sobre qual seria o lugar da sociologia, o ofício do sociólogo, o que seria ser sociólogo da nossa circunstância na modernidade radical ou na sociedade pós-tradicional.

Em sua defesa da sociologia, Giddens retoma temas e discussões que poderiam ser chamados de “clássicos” caso fosse possível pensar na pertinência da existência de algo “clássico” em um campo de saber como o da sociologia, onde tudo se movimenta, agita e dilui. São temas e discussões – tradição, inovação; ordem, transformação – recorrentes que exemplificam como a sociologia reflete e constrói o mundo moderno, suas possibilidades de se pensar (Ianni, 1989). Se a sociologia reflete e constrói o mundo e se este mundo é um mundo que se movimenta, que se dilui, que se líquidifica, que se cria na incerteza gerando novas incertezas, a sociologia se movimenta, se dilui, vive a incerteza.

Qual é o lugar da sociologia na atualidade? Está em declínio? Quais seriam os sinais de seu declínio: sua incorporação ao senso comum, modelando a forma das pessoas falarem de seu cotidiano e sua possibilidade de pensar sobre suas formas de viver, trabalhar e falar? “Na atualidade, a pesquisa social constitui parte tão integrante de nossa consciência que passamos a considerá-la natural. Todos nós dependemos dessa pesquisa para identificar o que efetivamente *consideramos* senso comum – ‘o que todo mundo sabe’” (p. 15). Seria um sinal de declínio a baixa procura da área nos vestibulares e seu escasso poder para conquistar financiamentos? Seu progressivo enquadramento nas ordens burocráticas e sua conseqüente desistência na proposição de políticas públicas? O domínio da quantofrenia, que reforça o sentimento de que a sociologia serve apenas para verificarmos o que já sabemos? Trata-se de deslocamentos dos centros de produção, crise de um determinado modelo ou crise conceitual ou, ainda, conseqüências do proclamado fim da história e da vitória da atual ordem neoconservadora?

Qual seria o lugar da sociologia no capitalismo tardio, na modernidade radical, na modernidade líquida, na pós-modernidade, na globalização? É possível falar em “um” lugar?

Muitos dos nossos grandes sociólogos brasileiros debruçaram-se sobre essa ques-

tão. Octavio Ianni diz: “o mundo moderno depende da sociologia para ser explicado, para compreender-se. Talvez se possa dizer que sem ela esse Mundo seria mais confuso, incógnito” (1989, p. 7). Ianni descreve a história do pensamento social em seu “empenho do pensamento sociológico em compreender, interpretar, taquigrafar, ordenar, controlar, dinamizar ou exorcizar esse Mundo” (1989, p. 24). Fazedor de possibilidades de interpretar a vida em sociedade, construtor de mapas que nos situam no mundo, doador de nomes para o que parece caótico, o pensamento sociológico reflete e faz o mundo moderno.

Em seu artigo “A Sociologia numa Época de Globalismo”, Ianni dirá:

“a sociologia é uma disciplina da modernidade. Expressa um momento excepcional de desencantamento do mundo. Permite refletir sobre a trama das relações sociais, os contrapontos existência e consciência, as metamorfoses ideologia e utopia, as continuidades e discontinuidades presente e passado, a tensões ser e devir, de tal modo que o que se mostra opaco, intrincado e infinito pode revelar-se inteligível, suscetível de compreensão e explicação. Ainda que a realidade social não deixe de se apresentar como opaca, intrincada e infinita, mesmo assim o conceito, a categoria, a construção típico ideal, a lei de causação, a conexão de sentido, a lei de tendência e outras possibilidades da taquigrafia científica podem desvendar algo do ser e devir” (Ianni, 1997, p. 25).

A sociologia, então, consiste em buscas de respostas à pergunta “o que nos acontece?”. Conclui: “são formas de explicação e fabulação sobre essa sociedade” (Ianni, 1989, p. 11).

## A SOCIOLOGIA E A CRÍTICA

Com o mundo moderno se inaugura a reflexão sobre o presente e a possibilidade da crítica da atualidade. Trata-se da emergência do presente com a possibilidade de

olhar para as “miudezas” do cotidiano tendo como centro o homem comum – aquele que vê a revolução – e sua possibilidade de descobrir ou criar a verdade. Foucault (1985) analisa essa irrupção do homem como sujeito do conhecimento se interrogando sobre sua vida e sua sociedade. Pois o mundo deixou de ser explicado de “fora”, a partir do reconhecimento dos signos e sinais divinos. Há coisas que começam a ser vistas e há a necessidade de palavras que possam nomeá-las. Esta é a invenção que permite o surgimento das ciências humanas, com o homem sujeito do conhecimento pensando o homem que é objeto do conhecimento, aquele que faz e pensa sobre o que faz.

Há, na leitura foucaultiana dessa interrogação incessante, a centralidade da crítica, a crítica da atualidade. A pergunta central da crítica da atualidade, que se refaz e reaparece o tempo todo, é: como não ser governando dessa forma, com esses objetivos, esses procedimentos, esse custo? Em última instância, como não ser governado em absoluto? Este pensar sobre o homem, sujeito e objeto do conhecimento, sua vida, seu trabalho e sua fala, insere-se no contexto da incessante criticabilidade das coisas, característica da modernidade (Foucault, 1990, p. 38). A centralidade da crítica na modernidade é ressaltada por José de Souza Martins quando propõe que a modernidade só o é quando pode ser ao mesmo tempo o moderno e a consciência crítica do moderno (Martins, 2000, p.18).

Nesse contexto, ocorre um grande deslocamento provocado pela modernidade: “a modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente” (Ianni, 1989, p. 21). Muitos autores tratam sobre essa irrupção do novo, do acidente, do risco, da modernidade enquanto moda e momento. Martins dirá que “a modernidade é a realidade social e cultural produzida pela consciência da transitoriedade do novo e do atual” (Martins, 2000, p. 19).

Essa compreensão do acidente e do risco que estão vinculados ao transitório e ao efêmero nos coloca na discussão sobre a crise, na noção de crise, na sociologia como produto da “crise” e “em crise”. Esta é uma

discussão recorrente, novamente refletindo a íntima relação desse campo de saber com a tentativa de compreensão e de explicação de uma realidade que se mostra transitória, fluida, sempre nova. São saberes em “crise” que tentam criar discursos sobre as crises ou catástrofes pessoais e sociais que questionam o tempo todo a possibilidade de serem representadas.

Um outro aspecto que percorre os caminhos da modernidade e da sociologia é o das promessas da modernidade: essa irrupção do novo e do efêmero com sua percepção como “crise e catástrofe” só seria suportável com a existência de promessas possíveis de serem realizadas. Mas, segundo Martins, a modernidade anuncia o possível embora não o realize (Martins, 2000, p. 20). A sociologia promete tornar o mundo inteligível, menos opaco: será que essa promessa está sendo cumprida? Como o conhecimento sociológico está incidindo na formulação de políticas públicas? Como criar discursos a partir de lugares sem poder e como dizer o indizível, aquilo que parece não caber nas palavras conhecidas?

Bourdieu é um dos grandes autores contemporâneos a perguntar-se sobre o lugar que pode ser ocupado pela sociologia:

“o que é esta ciência iniciante, balbuciante, que se permite questionar as outras ciências? Penso, é claro, na sociologia da ciência. De fato, a sociologia coloca às outras ciências questões que são colocadas a si mesma de forma particularmente aguda. Se a sociologia é uma ciência crítica, talvez seja porque ela mesma se encontra numa posição crítica. A sociologia cria problemas, como se diz” (Bourdieu, 1983, p. 16).

Continua com a explicitação de seu objeto: “uma das maiores dificuldades consiste em que seus temas são objetos de lutas: coisas que se escondem, que se censuram, pelas quais se está pronto para sacrificar a vida [...] ela desencanta. A particularidade do sociólogo é ter como objeto campos de luta” (idem, p. 18). Ao criar “problemas”, ter como objeto campos de luta, a sociologia ocupa um lugar peculiar no campo das ciências.

Giddens inicia seu texto “Em Defesa da Sociologia” exatamente com esta constatação: “a sociologia tem algo capaz de causar polêmicas jamais geradas por outras disciplinas acadêmicas” (p. 11). É um campo de saber perigoso e sempre em perigo, pois condenado a uma instabilidade essencial (Foucault, 1985, p. 365). Perigoso, por “criar problemas”, e em perigo pois em sua profunda relação com a atualidade que não cessa de criticar-se e de lidar com o novo, atuando nos interstícios das demais ciências, “a sociologia guarda a peculiaridade de pensar-se continuamente, de par a par com a reflexão sobre a realidade social” (Ianni, 1989, p. 10). Pode-se pensar a sociologia como um território instável, por momentos colonizado, por momentos conseguindo propor novas perspectivas.

## A SOCIOLOGIA NA MODERNIDADE LÍQUIDA, RADICAL, PÓS-TRADICIONAL, REFLEXIVA

Giddens, tratando das transformações da modernidade, dirá que estamos diante de uma nova agenda, que vivemos uma época de “finalizações”. Estes tempos, produtores de tantas reflexões e que ainda não sabemos como nomear, são, para Giddens, tempos de emergência da sociedade pós-tradicional. Pois, para ele, a modernidade reconstruiu a tradição enquanto a dissolvia e agora lidamos com processos de abandono, desincorporação e problematização da tradição. O surgimento de novas incalculabilidades e modalidades de risco numa sociedade marcada pelo alto grau de reflexividade institucional permite a compreensão como nunca do grau de complexidade dos cenários.

Seria a modernidade experimental onde “oportunidade e perigo estão equilibrados em igual medida” (pp. 21-4) trazendo como conseqüência que “nenhuma imagem chega a capturar o mundo da alta modernidade, que é muito mais aberto e contingente do que sugere qualquer uma dessas imagens,

e isso acontece exatamente por causa – e não apesar – do conhecimento que acumulamos sobre nós mesmos e sobre o ambiente material” (p. 24). É possível representar a catástrofe?

Nesse contexto os guardiães e especialistas que formavam o sistema de autoridade perdem sua aura e convivemos com um mundo de autoridades múltiplas. Nada mais é sagrado. Vemos Giddens retomando uma discussão clássica, proposta por Simmel (1977), sobre a confiança, sendo que, na atualidade, esta tem uma natureza problemática. Sua importância em uma sociedade em que os centros de autoridade estão descentrados coloca, para o autor, a necessidade da construção da “confiança ativa”, aliada à renovação da responsabilidade pessoal e social pelos outros.

“Confiança ativa é aquela que tem de ser conquistada em vez de originar-se da condição pretensamente inerente a posições sociais preestabelecidas ou de papéis relacionados com o gênero. Confiança ativa pressupõe autonomia, e não oposição a ela, e constitui poderosa fonte de solidariedade social, uma vez que a concordância é oferecida livremente, sem necessidade de ser imposta pelas coações tradicionais” (p. 319).

Novamente perguntamos: quais seriam as palavras que poderiam fundar essa confiança ativa, que poderiam criar os alicerces do diálogo para chegar “à concordância”? Como fundar, a partir de centros de autoridade descentrados, os novos lugares da produção discursiva? Aparentemente, na análise de Giddens, que dá como um dado inquestionável a descentralização dos lugares de autoridade e poder – o que não é evidente –, haveria a possibilidade da produção de “verdades” a partir da incorporação das falas dos atores sociais. Estes também estariam diluídos, “soltos”, em transformação.

Pois esta sociedade pós-tradicional é a primeira sociedade global: “a globalização é uma questão do ‘aqui’, que afeta até os aspectos mais íntimos de nossas vidas ou, preferivelmente, está relacionada com elas

de uma forma dialética” (p. 78). Nesse mundo do risco diluído, onde, em princípio, ninguém é forasteiro, o “outro” não pode mais ser tratado como inerte. Porém “a questão não é somente que o outro ‘responda’, mas que a interrogação mútua seja possível” (p. 80), pois as culturas de origem também deverão ser interrogadas e interpretadas parecendo tão estrangeiras quanto aquela do “outro”.

Giddens caracterizará esta sociedade global como uma sociedade de “espaço indefinido”. “É uma sociedade em que os elos sociais têm efetivamente de ser feitos, e não herdados do passado” (p. 94). Novamente perguntamos: como seriam “feitos” esses elos? A aposta de Giddens é que propõe a possibilidade do diálogo. Este seria o princípio da construção da confiança ativa. O diálogo seria uma das respostas possíveis a esses conflitos e choques de valores entre indivíduos e coletividades. As outras respostas possíveis, o enraizamento da tradição, o alheamento hostil do outro, a coerção e a violência também encontram-se em todas as culturas, como repertórios possíveis que se combinam de diferentes formas (p. 92).

No Brasil, a desmontagem de relações tradicionais sem que em seu lugar houvesse alguma alternativa a não ser a de uma cidadania excludente e regida pelo mercado gerou como respostas mais visíveis o alheamento hostil do outro – o morador das periferias dos grandes centros urbanos identificado como o estrangeiro, o forasteiro, o invasor – e que adquire visibilidade total na cidade dos muros e dos condomínios fechados, na indústria da “segurança”, e a violência extrema. Não são ausentes do nosso cenário, de qualquer forma, tentativas de enraizamento – retorno – à tradição em certos discursos que retomam, por exemplo, a centralidade da família e da religião. Há, também, a construção de espaços de produção de discursos e diálogos inéditos e inovadores. Estes seriam espaços possíveis da construção da solidariedade e da responsabilidade pelo outro e são formulados a partir dos novos movimentos sociais. Mantêm-se, porém, fundamentalmente,

como espaços de resistência. As demais respostas, dominantes, profundamente apoiadas por centros de poder político e econômico que mesmo descentrados são potentes, tanto exemplificam as tensões descritas por Giddens desta atualidade que ainda não consegue nomear-se, como mostram a necessidade de ir além nas pesquisas para caracterizar com mais precisão o momento de inflexão que vivemos. Uma das possibilidades de pensar da sociologia é justamente esta: perceber o que acontece além do aparente, do rápido, daquilo que aparece como “transparência”.

Giddens, sem ignorar como a tradição se transforma em fundamentalismo quando há uma “recusa ao diálogo”, coloca que

“a democracia dialógica – o reconhecimento da autenticidade do outro, cujas opiniões e idéias estamos preparados para ouvir e debater, como um processo mútuo – é a única alternativa para a violência nas muitas áreas da ordem social em que o descomprometimento não é uma opção factível. Há uma simetria real e clara entre a possibilidade de uma ‘democracia das emoções’ no âmbito da vida pessoal e o potencial para a democracia no âmbito da ordem global” (p. 94).

Queremos marcar que a democracia das emoções – que pode ser pensada como uma forma de resistência aos discursos produzidos por centros de poder econômico e político – ao nosso ver é uma resposta parcial que jamais poderá conduzir a uma democracia na ordem global se não contar com a luta pela conquista da participação cidadã nas decisões trágicas da economia e da política.

## SER SOCIÓLOGO DA NOSSA CIRCUNSTÂNCIA

Para Ianni, “a sociologia é uma forma de autoconsciência científica da realidade social. Expressa o entendimento que a sociedade, no seu todo ou em seus segmentos mais importantes, desenvolve a propósito

de sua organização e seu funcionamento, refletindo o modo pelo qual ela se produz e se reproduz, forma e transforma” (Ianni, 1997, p. 15). Neste mundo atual, que talvez não consiga nomear-se a si próprio refletindo sua incerteza e liquidez crescente, “a globalização do mundo recria o objeto da sociologia e exige a recriação do seu método” (Ianni, 1997, p. 24).

Pois se a sociologia reflete e cria o mundo em que vivemos, torna-o menos opaco, auxiliando nossa ação sobre o como vivemos, trabalhamos e falamos, de fato, hoje, está mais atuante que nunca, protagonista na discussão da questão social – agravamento das desigualdades sociais, da pobreza –, na discussão sobre a atual ordem do capitalismo tardio, a tensão entre o Norte e o Sul, entre os países centrais e periféricos, verificando a irrupção dos movimentos sociais, locais, nacionais e globais. Como a ciência da atualidade, indo do infinitamente grande ao infinitamente pequeno, contemplando sempre a complexidade do seu objeto, a sociologia se expande e

consegue formular boas perguntas.

Em seu papel crítico da atualidade, a sociologia tem um grande espaço a ocupar. Giddens conclui:

“a sociologia deveria reafiar o seu gume de vanguarda, à medida que o neoliberalismo desaparece na amplidão, juntamente com o socialismo ortodoxo. Algumas perguntas para as quais novas respostas demonstram-se necessárias são perenes, enquanto outras são surpreendentemente recentes. A busca por respostas às indagações de ambas as vertentes, tal como em outros tempos, requer uma boa dose do que C. Wright Mills chamou de imaginação sociológica, expressão que ganhou fama. Sociólogos, não se desesperem! Vocês ainda têm um mundo inteiro a conquistar ou, pelo menos, a interpretar” (p. 20) .

E ao interpretar, rompendo as fronteiras do pensamento que apenas reitera o que já se sabe, auxiliar na transformação das atuais formas de viver.

---

## BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Em Busca da Política*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. “Uma Ciência que Perturba”, in *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.
- FELMAN, Shoshana. “Educação e Crise, ou as Vicissitudes do Ensino”, in A. Nestrovski, M. Seligmann-Silva (orgs.). *Catástrofe e Representação*. São Paulo, Escuta, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo, Martins Fontes, 1985.
- \_\_\_\_\_. “Qu’ est-ce que la Critique?”, in *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, 84(2).
- GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo, Unesp, 1991.
- IANNI, Octavio. “A Sociologia numa Época de Globalismo”, in *A Sociologia no Horizonte do Século XXI*. São Paulo, Boitempo, 1997.
- \_\_\_\_\_. “A Sociologia e o Mundo Moderno”, in *Tempo Social* 1(1), São Paulo, 1989, pp. 7-27.
- MARTINS, José de Souza. *A Sociabilidade do Homem Simples*. São Paulo, Hucitec, 2000.
- NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (orgs.). *Catástrofe e Representação*. São Paulo, Escuta, 2000.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. “Cinco Desafios à Imaginação Sociológica”, in *Pela Mão de Alice. O Social e o Político na Pós-modernidade*. São Paulo, Cortez, 1995.
- SIMMEL, Georg. *Estudios sobre las Formas de Socialización*. Madrid, Alianza, 1977.
-